

## A leitura além do senso comum

*Reading beyond common sense*

MILENA PICCOLI DE MOURA  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
E-mail: milenapiccolimoura@gmail.com

BRITTO, L. P. L. **Ao revés do avesso**: leitura e formação. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

A obra *Ao revés do avesso*, de Luiz Percival Leme Britto, mestre (1988) e doutor (1997) em Linguística pela UNICAMP, pesquisador da área de Leitura e Ensino de Língua Portuguesa, é, como anuncia Fabíola Farias, em texto que antecipa o prefácio, “um presente para os educadores brasileiros” (p. 7), por se posicionar além do senso comum, transgredindo-o de maneira questionadora ao pôr em xeque diversas crenças que sustentam as políticas de incentivo à leitura no Brasil: as relações que perpassam a literatura e a relação entre leitor e obra; os interesses capitalistas pela promoção de “qualquer literatura” a todo custo; os limites da interpretação, entre muitas outras discussões. *Ao revés do avesso* é composto de oito capítulos, sendo alguns escritos especificamente para a composição do livro, e outros, ao longo da trajetória de pesquisa do autor.

Apesar de o autor só se posicionar completamente na perspectiva histórico-dialética em 2017, como reconhece no prefácio que escreve para o livro *Educação e Linguagem na perspectiva histórico-cultural*, já são nítidas suas manifestações marxistas na obra em questão, apesar de ainda dotadas de certas contradições, como ele mesmo anuncia no prefácio *Mal-estar na leitura*, que assina (p. 15). O prefácio serve como uma espécie de “sumário” do que será abordado ao longo dos capítulos, no qual o autor questiona as políticas públicas que incentivam a leitura proporem-se a desenvolver nos futuros leitores uma espécie de “gosto” ou “prazer” pela leitura, como se essa fosse sua finalidade única, além de apropriarem-se do mito de que “ser leitor é um bem em si mesmo”. Até mesmo é questionada a função de simples “entretenimento” atribuída à literatura, como se ela não devesse servir também para nos causar estranhamento e desconforto, para que nos reconheçamos parte de um sistema que nos oprime e aliena; para que ela nos choque, quase nos forçando a reconhecer a nossa condição humana de sofrimento, socialmente compartilhada.

O primeiro capítulo, *A arte de ler, a arte de viver*, originalmente uma fala em conferência, retoma diversas obras e escritores para discorrer sobre a condição humana. Neste capítulo, de caráter existencialista, o autor argumenta que a fé, a filosofia e a arte atuam para enfrentar a miséria humana, mas apenas “de certa forma”, já que apresentam limitações na “consolação” que oferecem. Depois, o autor nos apresenta outra maneira de obter consolo, essa mais pragmática, e “esvaziadora”, uma vez que perde completamente seu caráter questionador para se tornar uma alienação “submetida à dimensão prática e (re)produtiva da materialidade crua” (p. 28). Aqui, Britto denuncia a

estrutura econômica que sustenta essa indústria cultural, completamente submetida à lógica do mercado e da mercadoria, do que é consumido sem ser questionado, da aceitação da realidade tal como é, de maneira cômoda, mas apenas para reforçar que ela não basta, que o incômodo vence o silêncio, e que “a fé libertadora, a filosofia curiosa e a arte fabulosa são a vida possível e necessária e a única forma de resistir à barbárie e à ilusão de sucesso e alegria que apregoam as rezas fáceis, as razões instrumentais e as artes do esquecimento” (p. 31).

Já no segundo capítulo, *A liberdade, a autonomia, a crítica e a criatividade na formação do leitor*, o autor dá ênfase à desconstrução da imagem da leitura como um bem em si mesmo e do leitor como um ser metafísico, que, através da leitura - hipoteticamente - construiria diversos valores, como a **liberdade**, a **autonomia**, a **crítica** e a **criatividade**. Britto ressalta o quanto essa argumentação convencional é danosa, principalmente por seu deslocamento da materialidade histórica e sua repercussão nas políticas e pedagogias de promoção da leitura e formação de leitores. Nesse capítulo em específico, o autor dialoga e se alinha profundamente com a pedagogia histórico-crítica proposta por Dermeval Saviani, especialmente com a sua obra *Escola e Democracia*, ao afirmar que é fundamental que a escola sirva de espaço para o ensino dos conhecimentos historicamente compartilhados e que a escola não deve servir para o aprendizado apenas daquilo que é da ordem do prático (ensino tecnicista) ou do cotidiano imediato e das necessidades subjetivas (escolanovismo), defendendo a importância da apropriação do conhecimento de maneira crítica, também sem as decorebas propostas pelo ensino tradicional, isso tudo para retomar sua discussão sobre os valores atribuídos à leitura e problematizá-los, para que comecemos a enxergá-los não mais como pontos de partida na formação de leitores, mas pontos de chegada. Esse capítulo é um dos mais densos da obra e demonstra que *Ao revés do avesso* não é um livro para iniciantes nos debates pedagógicos da contemporaneidade brasileira, exigindo do leitor certo conhecimento prévio de determinados conceitos filosóficos e de teorias pedagógicas. Seu objetivo maior é o de oferecer uma análise crítica que rompa com muitas falas - e práticas - do senso comum que rondam as perspectivas que aborda.

Em *As razões do direito à literatura*, Britto afirma que a literatura serve para tudo e para nada e que, apesar de não dizer respeito às coisas práticas e aplicadas, é um convite a uma ação desinteressada, um pôr-se em movimento no qual nos perdemos e nos salvamos, nos consolamos e somos estimulados etc. Nessa perspectiva, o autor desconstrói a ideia de que a literatura serve para o útil: por mais que ela possa nos ensinar “coisas úteis”, não é daí que tiramos sua importância; a literatura serve muito mais para o pensamento livre, para nos apresentar possibilidades, para dedicarmos tempo ao “inútil” e não só àquilo que tem função e resultado prático, e deveríamos ter orgulho de admitir isso e incentivar todos para que façam o mesmo, no lugar de tentar atribuir “utilidade” à leitura.

No quarto capítulo, *Leitores de quê? Leitores para quê?*, Britto critica a associação de pobreza cultural e intelectual aos brasileiros, feita pelo senso comum, atribuída ao fato de sermos um país de não leitores (ou de esmagadora maioria), argumentando que essa crença traz um sentido “salvacionista” à leitura, como se ela, ao ser mais praticada e ampliada, fosse capaz de nos tirar da condição de pobreza, miséria e subdesenvolvimento em que nos encontramos. Essa visão é amparada numa perspectiva

já vista acima, que percebe a leitura como um “bem em si” (p. 61), quando, na realidade, esse discurso é mascarado pela ideologia dominante e pelas necessidades contemporâneas do mercado de trabalho, que exigem dos trabalhadores maior domínio da leitura e da escrita, por exemplo. Além disso, o ato de ler “não é bom ou mau em si, nem tem o poder de transformar ou engrandecer as pessoas individual ou coletivamente” (p. 66), mas é, na verdade, tangenciado por diversas relações: como é realizado, que relações estabelece, com que finalidade...

O autor argumenta que o Brasil é um país de não leitores apenas em *certo sentido*, na esfera do “pensamento especulativo”, e que isso se dá pelas condições econômicas, mas não por falta de gosto ou interesse, e essa questão estrutural não será resolvida por campanhas que promovem a todo custo uma visão de leitura como algo fácil e agradável; O incentivo proposto aqui é justamente o de se afastar desse “hedonismo” literário, promovendo também a leitura difícil e incômoda, que nos faça estranhar e questionar, colocando-nos no caminho da criticidade.

O quinto capítulo, *Promoção da leitura e cidadania*, parece dialogar bastante com o anterior, uma vez que seu tema são as campanhas de incentivo à leitura, já muito problematizadas na obra, mas que o autor reconhece que nasceram de um contexto social específico: o período da Ditadura Militar brasileira, no qual se reivindicava o direito de poder ler qualquer coisa, sem censura, o direito à liberdade de expressão e à liberdade de poder acessar o que era expresso pelos outros. Contudo, Britto argumenta não ser essa a exigência da atualidade. No momento, é urgente a democratização do acesso aos bens culturais e não a pura e simples insistência no valor da leitura como “salvadora” e responsável por “melhorar o caráter” dos indivíduos, retirando-os de um estado de alienação, para os elevar à condição de transformadores da sociedade, e não mais agentes passivos; e muito menos a insistência de que a população não leitora desconhece o “prazer” da leitura e, por isso, não lê. Mais uma vez, o autor reforça a ideologia capitalista por trás desses dizeres, retomando a necessidade de olhar para a realidade social dos sujeitos não leitores e para sua condição econômica, pois “o excluído de fato da leitura não é o sujeito que sabe ler e não gosta de romance, mas o mesmo sujeito que, no Brasil atual, não tem terra, não tem emprego, não tem habitação” (p. 83).

*A quinta história e as outras - sobre leitura e construção de sentidos* é um capítulo bem diferente dos anteriores, porque apresenta um novo ângulo de debate sobre leitura: o da interpretação e da construção de sentidos. Nele, a preocupação maior de Britto é a de, apesar de reconhecer o subjetivismo único do leitor na construção de sentidos ao ler uma obra literária, destaca a existência de um relativismo inflado nos estudos literários que precisa ser desconstruído, uma vez que existem sim limites para a interpretação. A discussão aqui proposta permeia assuntos próprios da filosofia da linguagem e da teoria literária e definitivamente é um dos capítulos que exige mais aprofundamento teórico do leitor, se ele deseja compreender melhor a dicotomia leitor x escritor e outros temas abordados.

O sétimo capítulo, *O leque do I Ching - sobre os limites de leitura e interpretação*, é o único que não foi escrito unicamente por Britto, possuindo coautoria da linguista Roberta Pires de Oliveira. A meu ver, ele é o mais deslocado do sentido proposto pelo autor no prefácio, pois, apesar de se relacionar com a discussão da “construção de sentido”, apresentada no capítulo anterior, ele dá muita ênfase ao aspecto formal do I

Ching, afastando-se do materialismo-histórico, para se aproximar de uma análise cognitiva.

No capítulo final, *Máximas impertinentes*, Britto apresenta uma grande síntese de muitas temáticas abordadas em *Ao revés do avesso*: 1. ser leitor significa algo mais que simplesmente saber ler; 2. a leitura não é boa nem má - a leitura é leitura; 3. a leitura não salva nem condena - a leitura é; 4. quem lê sempre lê alguma coisa - ler é verbo transitivo; 5. o leitor de um certo texto é o leitor desse certo texto; 6. ler não é um prazer, ainda que possa ser; 7. a leitura de entretenimento é um entretenimento - serve de distração; 8. ler não é fácil nem chato, ler é difícil; 9. toda escolha é só uma escolha possível - nenhum leitor é livre; 10. o leitor que as campanhas de leitura promovem não é um simples leitor, é um estilo de vida; 11. poder ler é um direito, ler é exercê-lo.

Se, por acaso, me perguntassem qual capítulo de *Ao revés do avesso* eu recomendaria para que alguém conhecesse as ideias de Luiz Percival Leme Britto, especialmente para se familiarizar com as discussões da obra, seria esse. É uma síntese que serve quase como um presente ao leitor, que, depois de realizar a “jornada” da leitura, pode retomar todo o percurso que o trouxe até ali.

Assim, *Ao revés do avesso*, apesar de algumas contradições já denunciadas pelo autor no prefácio, é leitura indispensável para todos aqueles - especialmente pedagogos e educadores da área de Língua Portuguesa - que não se contentam com os discursos e práticas comuns no que tange às discussões sobre leitura no Brasil. Britto nos mostra que é mais que necessário que olhemos para a realidade social do nosso país e que sejamos capazes de perceber como a estrutura econômica se “mascara” no discurso da ideologia dominante e como falas que, muitas vezes, parecem boas e inofensivas acabam colaborando para a reprodução dessa sociedade desigual e de seus interesses.

## REFERÊNCIAS

BRITTO, L. P. L. **Ao revés do avesso**: leitura e formação. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

CAVALHEIRO, A. C. D.; MOSSMANN, S. da S. (org.). **Educação e Linguagem na perspectiva histórico-cultural**. São Carlos: Pedro & João, 2021.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012 [1983].